

Conferência de Dr. Otelo Rosa.

TRADIÇÃO E NACIONALIDADE.

- Dr. Otelo Rosa.

Exm^o Sr. General Comandante da 3a. Região Militar.
Exm^o Sr. General Comandante da 6a. Divisão de Infantaria.
Exm^o Sr. Brigadeiro Chêfe da 5a. Zona Aérea.
Exm^o Sr. Diretor da Faculdade de Medicina.
Srs. Oficiais.
Meus Senhores. Meus Senhores.

Desde logo o meu vivo agradecimento à generosa expressão, com que fui distinguido neste momento, quer por S. Exa. o Sr. General Comandante da 3a. Região Militar, quer pelo Sr. Coronel, Chêfe do Estado Maior Regional, na sua gentilíssima apresentação, que me deixou, talvez, mal colocado deante de meu auditório, e poderia expressar, em face de suas palavras, aquilo que eu não poderei realizar (Não apoiado).

Sou apenas na vida, um homem que estuda, que tem boa vontade que não se nega, jamais, a cooperar com os homens que encarnando os interesses superiores da nossa nacionalidade, procuram servi-la de qualquer modo.

E aqui venho, na humildade de meu pensamento, trazer-vos uma modesta contribuição, mas profundamente sincera - porque aceitei aí as expressões de Pereira da Silva: "Nunca deturparei a verdade por covardia e muito menos por preguiça". (muito bem).

Meus Senhores.

Tradição e Nacionalidade, é o tema que me cumpre desenvolver deante de vós.

Advertia um dos mais argutos filósofos do mundo - "E sempre que vós tiverdes de examinar um problema, de analisar uma questão, a medida inicial, o primeiro cuidado, será sempre colocar os termos da questão. Não quer isto dizer que eu possa ter os melhores termos da questão, em relação aos outros que os tenho inferiores, quer isto dizer, que, para que os nossos espíritos bem se entendam e bem se compreendam, é mistério, como dizia o filósofo: esclarecer, definir, fixar os termos da questão.

Sobre TRADIÇÃO, há uma idéia corrente, há uma idéia comum, há uma idéia vulgar que não é a idéia verdadeira que TRADIÇÃO envolve: o representa, o significa.

Nós somos levados quasi sempre a confundir, tradição com unis

sonismo.

Unissonista é o homem que se fecha sobre si, que se revolta contra tudo que é moderno, e que, conseqüentemente, não coopera nas criações de formas novas de vida.

O TRADICIONALISTA - e eu me considero um tradicionalista e me orgulho de ser um tradicionalista - não é nunca isto.

Já houve outro filósofo que abraçou esta proposição operante para discursar. E os verdadeiros homens que amam a riqueza, os homens capazes de contribuir para o desenvolvimento da evolução, são justamente os tradicionalistas.

Porque Tradição, Senhores, não se deve confundir com imobilidade. O homem que ama a sua tradição - a não ser que seja um homem incapaz de compreensão, e conseqüentemente à margem de qualquer raciocínio nosso - não ha de querer ficar parado na vida. A vida tem a sua evolução fatal indeclinável. E seria um crime do homem, contrapor-se a esta evolução, porque seria então anular a sua orientação moral, a sua ação cívica. A tradição é uma evolução de uma coisa. Mas, advertimos desde logo, não se pode considerar a tradição no sentido etimológico, porque então, em última análise: tudo seria tradição.

A Tradição envolve - e aí é que está o ponto fundamental da questão - um juízo de valor sobre os elementos transmitidos.

Vou dar o ponto de vista do grande mestre Radin, que estabelece nitidamente o problema: " sómente certos números de costumes, instituições, trajes, leis, canções e lendas herdadas ou transmitidas são tradições." O uso do termo envolve um juízo acerca do valor do elemento transmitido.

O que é realmente uma tradição, não é portanto, uma instituição, mas a crença de seu valor".

Observe-se bem a conclusão: " a crença no valor da instituição". O Tradicionalista, não condena as tradições do passado, ele vai buscar no passado as lições desta tradição : um juízo de valor.

Porque, Senhores, vou mais uma vez a um paradoxo: não é possível evolução sem tradição.

É fácil aquilatar e demonstrar a proposição diante de homens como vós, habituados ao raciocínio lógico da ciência.

A evolução é uma sucessão de cousa que se modifica, que se al-

tera, mas que há de necessário, fatalmente, inevitavelmente, ^{acentuar alguma} ~~uma~~ coisa anterior, alguma coisa que tenha poder, que tenha força, para que ~~esta~~ ^{nesta} sucessão se opere normalmente e leve então a vida ordenada a sua fisionomia num sentido lógico, perfeito.

Não havendo tradição a evolução seria um perigo, porque então iria o homem, ou os povos, ou os nacionalistas, se lançarem no vácuo, se lançarem no vazio.

A TRADIÇÃO, em suma, o que é para nós?

A conservação de fato passado?

Seria triste se nós chegassemos a esta pobre consequência.

Não. A Tradição que nós queremos manter - porque os nacionalistas só podem evoluir num certo sentido prefixado pelo seu passado - preferencialmente é a tradição de ordem moral, porque nesta tradição, é que está a força da homogeneidade dos povos, nesta tradição é que se pode assentar a diretriz certa na evolução de uma nacionalidade; nesta tradição é que se pode formar esta coisa sutil, mas esta coisa poderosa que é a consciência de um povo.

Um povo sem consciência é um povo condenado a um futuro terrível.

É esta consciência do povo, esta alma que nós formamos em torno de nossa idéia comum, da nossa aspiração comum, dos nossos deveres ~~comuns~~, de nossos sacrifícios comuns não podem nascer, nunca o poderá, de uma geração. Há de vir do passado. Porque se há princípio que não pode sofrer contestação é o do nacionalismo.

Se à minha geração ~~cumprida~~ continuar a obra da geração anterior, como a geração moderna cumprirá continuar a obra da minha geração? Com erro, com fracasso? Não. Mas com vontade firme e esforço esta geração só se pode manter dentro da linha da tradição que alguém já definiu, como a conservação de um patrimonio moral de um ~~povo~~ povo.

É por isto que nós insistimos nesta linha de tradição. Mas queremos insistir num sentido superior, num sentido alto.

S. Exa. o Sr. General Comandante da 3a. Região Militar, disse há pouco que pareceria, que além da Parada Militar, nada poderia ser mais útil, nesta Semana devíamos dedicar a Pátria do que uma obra de pensamento em torno desta Pátria. Muito pouco pensamento vos

posso trazer, mas os que me vão suceder nesta Casa, vos trarão muito mais. Mas realmente é isto que nós queremos, o pensamento, as forças materiais, são úteis. Mas elas passam. O que não passam são as forças morais.

A Tradição é uma força moral, e esta força no sentido da conservação do que é genuinamente brasileiro, de que é nosso do que é da nossa nacionalidade.

Esta Tradição - sem nenhuma sombra de antipatia com as outras nacionalidades, mas apenas seguindo o próprio exemplo dela, resguardando o patrimônio moral do nosso passado - é a que interessa a nós tradicionalistas de bom ver.

Se a Tradição é a conservação moral; a conservação do patrimônio moral de um povo, qual será o papel da tradição na nacionalidade, acentuamos nós? Isto posto, a existência nos elementos, nos termos da questão. Neste momento em que nós dedicamos mais vivamente nosso pensamento aos interesses da nossa Pátria, seria interessante fazer, de frente, uma pergunta: Somos uma nacionalidade? Que é uma nacionalidade? Quais as características da nossa nacionalidade? O que podemos fazer - cada um de nós - dentro de seus deveres cívicos em benefício, em serviço desta nacionalidade?

Mas, acentuamos os termos da questão.

Os próprios tratadistas, os homens que criaram a teoria da nacionalidade - vêm do século XIX, depois das guerras napoleônicas - não acentuam precisamente o que seja^m os elementos constitutivos de nacionalidade.

Em demonstrando a variação de pensamento desses mestres, poderei crer - dentro de uma lógica que me parece respeitável - o enorme papel da tradição na vida da nacionalidade.

Uma nacionalidade se constitui com base na raça, citam alguns. Hoje não há mais quem defenda a tese.

Bastaria o exemplo clássico: A Alemanha é ou não é uma nacionalidade? Ninguém poderá negar; a Inglaterra é ou não é uma nacionalidade? Ninguém poderá negar. E ela provou recentemente, com grande força de expressão.

Tal a pressão da raça, tal a constituição da nacionalidade.

Na nacionalidade existe a língua, a unidade da língua como elemento, princípio na fundação da nacionalidade.

Na prática é fácil demonstrar.

A simples existência da unidade da língua, não constitui, não pode constituir uma nacionalidade.

Portugal e Brasil falam a mesma língua. São nacionalidades diferentes. A Hespanha e a America Hespanhola, falam a mesma língua; constitui nacionalidade? Bélgica e Suíça falam diversas línguas e entretanto apresentam um admirável índice de homogeneidade nacional.

Quais os outros elementos? A Religião! Força poderosíssima, verdadeira superestrutura social. A religião hoje nas nações modernas não poderia constituir base, se exclusivamente, isoladamente, de fundamento de nacionalidade.

No século XVII, houve nações que pretenderam definir no sentido religioso as nações modernas.

A unidade geométrica - houve tempo que se aceitou o princípio (fins do século XVIII) - também se baseava nesta construção nacionalista, dentro de seus limites nacionais.

Grandes mestres fizeram, concretamente, a análise da instituição, demonstrando que muitas vezes a nacionalidade existe fora destes naturais. E o que é mais interessante, é que os limites existem, não separando os nacionalistas, mas precisamente unindo certas parcelas de nacionalistas.

Os agrupamentos humanos jamais coincidem com estes limites naturais.

E é Elorrieto Y Artaza, quem sustenta o princípio que a tradição constitui o mais sólido dos fundamentos de uma nacionalidade.

Poderemos assim concluir que estes elementos que indiquei, e que isoladamente não podem constituir, estes elementos pela sua concorrência é que podem formar uma nacionalidade.

Mas que sobre pairando sobre todos estes elementos, vem o elemento moral, a força moral que acentua na tradição.

Jellinek, dizia, "A nacionalidade não tem uma realidade exterior e objetiva. Ela entra na categoria dessas grandes manifestações sociais que não se pode determinar pelos meios de apreciação exterior. É algo essencialmente subjetivo e como o resultado de um certo estado de consciência".

O grande mestre acentua que mais deve predominar, na existência

da nacionalidade, e que é um estado de consciência, quer dizer um estado de ordem moral, naturalmente decorrente de aspirações, desejos etc.

Mas o mesmo Artasa, examinando o tema, mostra realmente onde existe a nacionalidade.

"Onde haja uma agrupação de homens que se sintam ligados pelos laços de um sentimento em tal grau que eles verifiquem formar uma coletividade distinta das demais coletividades humanas; que sintam a necessidade de viver juntos para a satisfação das mais altas aspirações intelectuais e morais; que desapareçam ante a idéia dessa união, todos os motivos étnicos, filológicos, religiosos e políticos que podiam dividi-los; e que façam dessa união a razão principal da vida: - aí existe uma nacionalidade".

Um grande mestre também afirmava que onde vai se encontrar uma nacionalidade viva, capaz e digna de existir, não é só a base das expressões materiais da sua vida económica, porque erro grave dá o materialismo, quando procura, sintetizar que estes elementos que há pouco citei, não bastando para constituir a nacionalidade, se constituirá em virtude, em torno dos interesses materiais da vida.

Erros graves. Porque a vida do homem, como a nacionalidade, nunca se há de poder combinar efetivamente no pensamento de coisas materiais. Há de haver sempre nos homens coisas mais graves.

Onde se encontra nacionalidade, é onde se encontra um povo que sofreu em comum ou um povo que se sacrificou em comum, ou um povo que recusa coisas altas em comum, e que quer que tenha vontade de continuar a realizar estas coisas. É uma definição admirável de que se poderia chamar: a homogeneidade espiritual de uma nacionalidade.

Mas, Senhores, agora feitas estas divagações, parece-me que devo corresponder a distinção do vosso convite, examinando diretamente, objetivamente o problema desse Brasil, desse grande Brasil que durante esta semana vai ^{durar} de todos os nossos espíritos, e de nossos corações um grito mais vivo, mais intenso, mas que não pode ser só nesta semana, porque o dever elementar do homem, é passar na sua Pátria todos os dias.

Examinamos objetivamente todo o problema da nacionalidade brasileira que existe, que sofreu, que se forja em si própria, no sacrifício, na luta no trabalho.

Na nacionalidade Brasileira, ou o papel que a tradição devia ser chamada a representar, ou melhor, na nacionalidade brasileira estamos seguindo as lições de respeito às nossas tradições, ou estaremos enfraquecendo, nos limitando ao abandono, a custo dessas tradições?

Porque, pensemos um instante, Senhores, o Brasil é um país que precisa viver as suas tradições; um país com enorme e farto material, com aquele número de portos que já houve alguém que disse: "estão de braços abertos à receber o auxílio e cooperação de todos os povos do mundo".

Estes povos do mundo que vêm cooperar conosco, que vêm se tornar elementos constitutivos dentro da nossa nacionalidade, desta admirável orientação que nos tem felizmente, dirigido até agora a fixação absoluta deste terrível e doloroso problema de raças, que nunca existiu entre nós.

Realmente o Brasil precisa manter as tradições, para conservar o seu caráter típico, aquilo que é seu, aquilo que lhe cumpre defender e resguardar.

Hoje, Senhores, infelizmente, há uma corrente dessas que, como eu, estuda história, que está como que pretendendo dissolver, enfraquecer a nossa confiança, esta confiança que o homem não deve perder nunca em si próprio e no seu povo.

Procurem eles, entendendo a nossa formação, demonstrar que nós padecemos de vícios incuráveis, decorrentes desta formação, que estaremos assim face a um problema quasi insolúvel, que revela com energia de que seremos incapazes de realizar nossos próprios destinos.

Erro grave e profundo, Senhores.

O Senhor^{es} Manoel Bom Fim, e seus discípulos, não têm razão no que afirmam.

Tivemos uma tradição política admirável, Senhores, e eu não vim aqui para enaltecer a nossa história.

Se quisermos ter uma história da nossa tradição política, bastaríamos pensar um pouco no que foi a Regência no Brasil, em uma fase dramática, e que até hoje, examinando-se os movimentos, tem-se a impressão de um país que está ^{na} estreçalhado, perdido. E surgem os políticos - não falemos mal deles - e se transformam em verdadeiros elementos compensadores da nacionalidade, afastam todos os perigos, indo depois para suas casas, como Padre Feijó e muitos outros, pobremente pagos, com a consciência de haverem cumprido seu dever cívico.

Tivemos no Segundo Reinado aquela consciência política admirável de homens e verbos, naturalmente tiveram seus erros e nós havemos de tê-los também, que nos deram bom lição moral.

Na própria República também tivemos uma boa tradição. Chego agora a conclusão que nós não devemos nos afastar da nossa tradição política, porque ela foi sempre útil, foi sempre digna e não creio que a geração moderna possa criar coisa melhor.

Tivemos uma tradição familiar, Senhores. Uma grande tradição familiar, uma grande tradição doméstica.

A família no Brasil - Esse realmente o papél admirável do núcleo central da vida, os nossos hábitos, as lições do nosso respeito dentro da vida familiar - era admirável.

Hoje, Senhores, não teríamos abandonado um pouco essas tradições?

O grande perigo do homem voltar à sua tradição é esse. Não há ninguém que possa viver sem tradição; não há ninguém que possa viver sem hábitos, sem costumes. E quando nós abrimos mão da nossa própria tradição, estamos então enfraquecidos e capazes de aceitar as tradições dos outros, e aí está o perigo para as nacionalidades novas como a nossa. Na vida social nós temos nos deixado influir por estas tradições que não são nossas. Nós temos deixado os elementos fundamentais da nossa vida moral. Porque? Por fraqueza? Porque não preservamos bem a nossa tradição? Nós recebemos sem espírito concreto, sem o exame da sua capacidade.

Vem à nossa própria vida, os usos, os costumes, os hábitos dos outros; vem o rádio, vem o cinema, forças que se poderão transformar admiráveis elementos da vida, estão nos transformando os fundamentos da nossa vida social em detrimento nosso, porque abrimos mão de coisas mais graves, mais profundas, mais honestas para dar à nossa vida social aspetos, talvez, mais alegres mais belos, no sentido aparente de expressão, mas arruando desta vida social - e consequentemente como reparcursor necessário da nossa própria vida doméstica - aqueles elementos fundamentais que deviam constituir o nosso orgulho, e que deveríamos defender sempre, sempre, sempre, porque os destinos da nossa Pátria estão indissolavelmente vinculados à situação da família e da sociedade.

necessário na própria vida doméstica.

Qualquer elemento fundamental, que devam constituir o nos o orgulho, e que deveremos defender, sempre, sempre, sempre, porque os destinos da nossa Pátria estão indissolúvelmente, vinculados à situação da família e da sociedade.

(2) → Eram homens do passado capazes de renúncia, capazes de sacrifícios, os próprios cargos públicos (perdoai que vos aponte estes incidentes mas que é expressivo e esclarecedor) Os cargos públicos tinham uma tradição no Brasil, vinha desde a colônia, eram os homens bons, os chamados homens bons da ordenação do reino, que constituíam os elementos dirigentes do Município, das comunas do seu tempo.

Estes cargos públicos, quer na colônia, e depois entrando para o primeiro e segundo ~~Reino~~ Império, eram honorários, os homens recebiam com satisfação, porque era o ensejo para que eles contribuíssem no serviço da sua Pátria, no serviço da sua nacionalidade.

O cargo Público, tinha esta característica admirável.

Eram sacrifícios que o homem a si mesmo se impunha, com alegria, com orgulho porque era para o serviço comum, para o serviço nacional.

Um Vereador antigamente era um homem que se julgava honrado pela vereança e mais nada.

Hoje está se transformando em meio de vida, e o cargo de eletivo transformado em meio de vida. Demanda uma tradição brasileira, mas é um perigo para a nossa democracia, porque se eu aceito o cargo eletivo, sem nada de ordem econômica, sou homem que vou para o cargo com o destino único de servir minha Pátria, mas se este cargo eletivo se transforma - pelo elemento eletivo de seus proventos, eu não fugiria a expressão: - em meio de vida.

Eu já estou então sobrepondo o meu interesse ao interesse geral da nacionalidade que eu devia representar no exercício de qualquer mandato. Vamos indo assim, Senhores, para outros aspectos piores.

Nós criemos problemas e a nós homens que tenhamos consciência dos nossos deveres, cumpre examinar o problema não para cruzar os braços, dentro do pessimismo detestável, mas para examinar o mal e contribuir com aquela parcela de nós para corrigir o desmoronamento da nossa tradição, dos mesmos elementos graves da vida do Brasil, o individualismo, o comodismo e o utilitarismo.

Foram esses homens que com seu sacrifício, com seus esforços, com seu trabalho, com suas lutas, com seu sangue, construíram esta nacionalidade a que nós pertencemos, e que temos orgulho de pertencer. Não podemos faltar, não podemos falhar aos compromissos ~~morais e~~ ~~ditos~~ morais que temos com estes homens, precisamos aprender com eles, a nós sacrificar; aprender com eles a sermos capazes de renúncia, aprender a amar o Brasil sobre todas as coisas, a ter o conceito da nossa própria vida, sempre subordinado ao conceito da vida nacional, servir com o nosso pensamento e coração esta nacionalidade que eles forjaram e que nos legaram; a herança é pesada e soberba para nós carregarmos nos ombros, mas faltariamos ao mais elementar dos nossos deveres se esquecêssemos completamente a tradição dos homens que criaram a nacionalidade; não sendo capazes de renúncia e sacrifícios, de trabalho, de esforço comum, de dar ao nosso patriotismo o seu verdadeiro sentido, estaríamos então, com as nossas fraquezas e digo mais, com a nossa covardia, conspurcando as cinzas dos nossos mortos.